

Miriam Toews

Pequenas desgraças sem importância



Tradução de Alda Rodrigues



Levaram a nossa casa dentro de um camião, certa tarde, no fim do verão de 1979. Os meus pais, a minha irmã mais velha e eu, no meio da rua, vimo-la desaparecer, um *bungalow* de teto baixo, construído com madeira, tijolos e estuque; avançou devagar pela First Street, passou pelo A&W e os Deluxe Bowling Lanes e saiu para a autoestrada número doze, onde, por fim, a perdemos de vista. Ainda a vejo, disse a minha irmã Elfrieda várias vezes, até deixar de a ver. Ainda a vejo. Ainda a vejo. Ainda... Pronto, já não, desapareceu, concluiu.

O meu pai construíra esta casa com as suas próprias mãos, logo depois de arranjar noiva, quando ambos pouco mais tinham do que vinte anos e um sonho. A minha mãe comentou comigo e com a Elfrieda que eram tão jovens e com uma energia tão transbordante que, nas noites quentes, logo que terminava o dia de trabalho do meu pai na escola em que lecionava e que a minha mãe conseguia sair da cozinha, corriam pelo relvado fora, aos saltos e dando gritinhos de alegria, até ao aspersor de rega no novo jardim da frente, ignorando completamente os olhares pasmados e a consternação dos vizinhos mais velhos, que não achavam bem que dois recém-casados andassem por ali às cabriolas, quase despidos, para toda a cidade ver.

Anos mais tarde, a Elfrieda descreveu esta imagem como o momento *La Dolce Vita** dos meus pais, em que o aspersor era um equivalente da Fonte de Trevi.

Para onde vai a casa?, perguntei ao meu pai. Estávamos no meio da rua. A casa desaparecera. O meu pai fez uma pala com a mão, para se proteger da luz forte do sol. Não sei, respondeu. Não queria saber. A Elfrieda, a minha mãe e eu entrámos no carro e esperámos que o meu pai se juntasse a nós. Ele ficou a olhar para o vazio durante o que me pareceu uma eternidade. A Elfrieda queixou-se de sentir a parte de trás das pernas a arder, em cima do plástico quente dos assentos. Por fim, a minha mãe estendeu o braço e tocou a buzina, foi só um toquezinho, para não assustar o meu pai, mas obrigou-o a virar-se, para olhar para nós.

Foi num verão escaldante, e ficámos com uns dias para matar antes de nos mudarmos para a casa nova, que era parecida com a antiga, mas não fora construída pelo meu pai, com carinho e atenção a todos os pormenores, entre os quais um alpendre espaçoso coberto, em que nos sentávamos a assistir às trovoadas sem apanharmos chuva. Então, os meus pais decidiram que seria boa ideia acamparmos nas Badlands** do Dakota do Sul.

Passámos todo o tempo disponível primeiro a montar, depois a desmontar, o acampamento, ou pelo menos assim pareceu. A minha irmã Elfrieda comentou que aquilo não era vida — era como estar num hospital psiquiátrico em

* Filme de 1960, realizado por Federico Fellini.

** Parque nacional americano, numa região árida conhecida pelos desfiladeiros, ravinas, barrancos, canais e outras formas geológicas.

que as pessoas tinham como única preocupação a sobrevivência e a conservação de energia, era como estar num campo de refugiados, era uma casa para neuróticos em recuperação, era mais isto e aquilo: não gostava de acampar. A nossa mãe respondeu: bem, querida, a ideia é alterarmos a perceção que temos das coisas. Para isso, podíamos ter ido a Paris ou tomar LSD, replicou a Elf, e a nossa mãe retorquiu: anda lá, o que interessa é estarmos todos juntos, vamos cozinhar as salsichas.

O fogão de propano tinha uma fuga de óleo e irrompeu em chamas com mais de um metro, chamuscando a mesa de piquenique, mas, enquanto isto se passava, a Elfrieda dançava em torno do fogo, a cantar «Seasons in the Sun», de Terry Jacks, uma canção em que uma ovelha negra se despedia antes de morrer. O nosso pai praguejou pela primeira vez de que há registo (Que inferno!) e ficou perto do fogo, preparado para fazer alguma coisa, mas o quê, o quê?, e a nossa mãe tremia, rindo-se, sem conseguir falar. Aos gritos, mandei a minha família afastar-se das chamas, mas ninguém se mexeu um centímetro sequer, como se um realizador de cinema lhes tivesse atribuído aquelas marcações e o fogo fosse a fingir e não se pudessem mexer para não estragar o enquadramento. Então agarrei na embalagem meio vazia de gelado *Rainbow* que estava em cima da mesa de piquenique, atravessei o campo a correr até à torneira comunitária, enchi a embalagem de água, regressei a correr e atirei a água para cima das chamas, que, combinando-se com os aromas de baunilha, chocolate e morango, avultaram bruscamente, alcançando os ramos de um choupo em cima. Um dos ramos entrou em combustão, mas só durante uns instantes, porque entretanto os céus tinham escurecido e, de súbito, a chuva e o granizo

lançaram uma veloz investida, que acabou por nos salvar, pelo menos do fogo.

Nessa noite, depois da tempestade e de atirmos o fogão de propano para dentro da jaula gigantesca à prova de pumas que protegia o lixo, o meu pai e a minha irmã decidiram assistir a uma conferência sobre o furão-de-pés-negros, que até pouco tempo antes se pensava estar extinto. Ia ser no anfiteatro do parque de campismo, e eles avisaram que se calhar também assistiriam à segunda conferência, de um especialista em astrofísica, sobre a natureza da matéria negra. O que é isso? Quando perguntei à minha irmã, ela respondeu que não sabia, mas achava que era uma grande parte do universo. Não a vemos, acrescentou, mas sentimos os seus efeitos ou coisa do género. Será perigosa?, perguntei. Ela riu-se, e lembro-me perfeitamente, ou talvez seja melhor dizer que tenho uma memória perfeita, do aspeto dela ali, de calções e *top* às riscas, sem mangas, sobre o pano de fundo da paisagem sombria e desgastada das Badlands, de cabeça bem inclinada para trás, pescoço longo e magro, uma gargantilha de couro branco com uma conta azul no centro, e aquela sua gargalhada que parecia uma rajada de tiros de advertência, uma forma de desafiar o mundo para a apanhar, se se atrevesse. Ela e o meu pai saíram para o anfiteatro, ouvindo a minha mãe recomendar: façam sons de beijos para assustar as casca-véis! E, enquanto eles aprendiam coisas sobre forças invisíveis e a extinção, a minha mãe e eu jogávamos ao «Que Horas São, Sr. Lobo?»* junto da tenda e aproveitávamos as tonalidades que restavam do pôr do sol.

* Jogo de apanhada com algumas semelhanças com o jogo das estátuas.

Durante o percurso de regresso do parque de campismo, não falámos muito. Depois de, durante dois dias e meio, seguirmos numa direção estranha, para longe de East Village, o meu pai, como se inicialmente quisesse resolver alguma coisa, mas entretanto tivesse simplesmente desistido, lá reconheceu: bem, já chega, acho que agora é melhor irmos para casa. Dentro do carro, pelas janelas abertas, contemplámos com ar solene os afloramentos irregulares e escuros do grande Escudo Canadiano. Implacáveis, comentou o meu pai quase impercivelmente, e, quando a minha mãe lhe perguntou o que tinha dito, ele apontou para as rochas e ela anuiu — Ah! —, mas sem convicção, como se tivesse esperança de que estivesse a referir-se a outra coisa, a algo que pudessem enfrentar, os dois. Em que estás a pensar?, sussurrei para a Elf. O vento despenteava-nos freneticamente, o cabelo dela era preto, o meu, louro. Estávamos no assento de trás, estendidas ao comprido, com as costas apoiadas nas portas e misturando as pernas. A Elf lia *Os Amores Difíceis*, de Italo Calvino. Se não estivesse a ler, em que estarias a pensar?, insisti. Numa revolução, respondeu. Quando lhe perguntei o que queria dizer, respondeu que eu um dia compreenderia, naquele momento não podia dizer. Uma revolução secreta?, inquiri. Então ela declarou, em voz alta, para todos ouvirmos: é melhor não voltarmos. Ninguém reagiu. O vento soprava. Nada mudou.

O meu pai quis parar nas escarpas rochosas em torno do lago Superior, para ver umas pinturas aborígenes a ocre, muito antigas. Tinham resistido misteriosamente ao desgaste do sol, da água e do tempo. Parou o carro e descemos até ao lago por um trilho estreito e pedregoso. Havia um sinal que dizia Perigo!, em que se explicava

em letra miudinha que já algumas pessoas nestas rochas tinham sido varridas por vagalhões anómalos, e que éramos responsáveis pela nossa própria segurança. A caminho da água, passámos por vários sinais destes; a cada aviso ominoso, o sobrolho já franzido do meu pai franzia-se um pouco mais, até a minha mãe ter de lhe dizer: Jake, tem calma, ainda vais ter um ataque cardíaco.

Quando chegámos à praia das rochas, percebemos que, para vermos as pinturas rupestres, teríamos de seguir com muito cuidado por um piso granítico húmido e escorregadio vários metros acima da água espumosa, agarrarmos-nos a uma corda grossa, presa nuns espigões enfiados na rocha, e depois inclinarmo-nos muito para trás, por cima do lago, ficando praticamente na horizontal, com o cabelo a roçar na água. Bem, disse o meu pai, não vamos fazer isso, pois não? Leu a placa ao lado do trilho, na esperança de essas informações bastarem. Ah, comentou, o investigador que descobriu estas pinturas descreveu-as como «sonhos esquecidos». Nesta altura, olhou para a minha mãe. Ouviste isto, Lottie?, perguntou. Sonhos esquecidos. Tirou um caderninho do bolso e anotou este pormenor. A Elf, no entanto, completamente encantada com a ideia de pendurar o corpo numa corda por cima das águas agitadas, desapareceu antes de alguém conseguir impedi-la. Os meus pais gritaram-lhe que voltasse para trás, que tivesse cuidado, que não disparatasse, que se portasse bem, que regressasse imediatamente, e eu fiquei calada, de olhos esbugalhados, a assistir, horrorizada, ao que achava que seria a morte nas águas da minha intrépida irmã. Agarrando-se à corda, observou as pinturas; como não as víamos do sítio onde estávamos, descreveu o que observava, sobretudo imagens de estranhas criaturas com

espinhos e outros símbolos crípticos de uma nação orgulhosa e prolífica.

Quando finalmente chegámos, os quatro — vivos —, à nossa cidadezinha, na extremidade ocidental do Escudo rochoso, entre campos azuis e amarelos, não respirámos de alívio. Tínhamos uma casa nova. Sentado numa cadeira de jardim à frente da moradia, o meu pai via, através das árvores, o espaço vazio que a nossa casa antiga deixara, para lá da autoestrada, na First Street. Ele preferia ter ficado nessa casa. A ideia não viera dele. Contudo, o proprietário do *stand* de automóveis ao lado cobiçava o terreno para expandir o parque de estacionamento e fez uma pressão implacável, com todos os tipos de ameaças bombásticas, tornando a situação insustentável para o meu pai, que acabou por ceder e a vendeu por uma ninharia, como sublinhou a minha mãe. Não passa de negócio, Jake, disse o proprietário ao meu pai no domingo seguinte, na igreja. Não é nada pessoal. No início, East Village fora um refúgio sagrado em relação aos vícios do mundo, mas, de algum modo, estes dois vícios — a religião e o comércio —, tinham-se ligado inextricavelmente e, quanto mais os habitantes de East Village enriqueceram, mais devotos se tornaram também, como se acreditassem não só que a prosperidade dos negócios e a acumulação de dinheiro eram recompensas pela devoção religiosa, mas também que Deus abençoava esta acumulação; deste modo, quando o meu pai recusou a oferta do dono do *stand*, sentiu-se no ar um cheirinho de acusação, como se, por resistir à venda, o meu pai não fosse bom cristão. A sugestão era essa. Acima de tudo, porém, o meu pai queria ser bom cristão. A minha mãe encorajou-o a resistir, a mandar o dono do *stand* dar uma volta, e a Elfrieda, sendo mais velha do que

eu e com mais consciência do que se passava, tentou pôr a circular entre os habitantes da zona uma petição para impedir que os interesses comerciais se sobrepusessem ao direito das pessoas de terem uma casa, mas nada aliviava a culpa persistente do meu pai e a sensação de que seria pecado lutar por aquilo que só a ele pertencia. Ainda por cima, o meu pai era considerado uma anomalia em East Village, um excêntrico, um sujeito sossegado, depressivo e estudioso, que dava passeios de dezasseis quilómetros no campo e acreditava que ler, escrever e ser racional seriam bilhetes de entrada no Paraíso. A minha mãe defendia-o (embora só até certo ponto, e sobretudo por ser uma esposa menonita leal e não querer perturbar a hierarquia doméstica), mas, sendo mulher, claro que facilmente a ignoravam.

Na casa nova, a minha mãe andava desassossegada e sonhadora, o meu pai arrumava ruidosamente as coisas na garagem, eu passava os dias a construir vulcões no quintal das traseiras ou a percorrer os arrabaldes, rondando a cidade como um chimpanzé enjaulado, e a Elf começou a empenhar-se em «aumentar a sua visibilidade». As pinturas a ocre nas rochas, a sua persistência e a mensagem complexa de esperança, assombro, desafio e solidão eterna que transmitiam tinham sido uma inspiração para ela. Decidiu também deixar a sua marca. Criou um desenho com as iniciais E.V.R. (Elfrieda Von Riesen) e, por baixo destas, as iniciais P.D.S.I. Com a letra D, como uma porta, rodeou as outras letras, destacando e englobando-as. Mostrou-me como era, num bloco de notas de papel amarelo. Hum, reagi, não percebo. Bem, explicou, como é óbvio, as iniciais do meu nome são as iniciais do meu nome, P.D.S.I. corresponde às iniciais de Pequenas Desgraças Sem Importância... O D grande abrange todas as outras

letras. Com a mão direita, formou um punho e deu um murro na palma aberta da mão esquerda. Naquela altura, tinha o hábito de pontuar todas as suas ideias brilhantes dando um murro em si mesma.

Hum, pois, é... Como te lembraste disso?, perguntei. Respondeu que vinha de um poema de Samuel Coleridge, que seguramente poderia ter sido namorado dela, se ela tivesse nascido na época certa. Ou se ele tivesse nascido quando devia, retorqui.

Anunciou que ia pintar este símbolo em várias atrações naturais da cidade.

Que atrações naturais?, perguntei.

Por exemplo, a torre d'água, respondeu, e as vedações.

Posso fazer uma sugestão?, perguntei. Olhou para mim de lado. Ambas sabíamos que, no que toca a deixar uma marca no mundo, eu nada tinha para lhe oferecer — seria como se um acólito de Jesus dissesse: ai, só conseguiste dar de comer a cinco mil pessoas com um peixe e dois pães de forma? Então, vê *isto!* Mas como ela, na altura, se sentia magnânima e empolgada com esta proeza, concordou entusiasticamente com a cabeça.

Não uses as tuas iniciais, contrapús. Senão todos saberão de quem são e cairão sobre nós os fogos do inferno, *et cetera*.

Aquela cidadezinha menonita era contra os símbolos inequívocos de esperança e as obras individuais. Uma vez, o pastor da nossa igreja acusou a Elf de se comprazer com as aflições das suas emoções desregradas; fazendo uma vénia profunda com um movimento extravagante com o braço, ela respondeu: *mea culpa*, meu senhor. Na altura, estava sempre a organizar campanhas. Quando realizou um inquérito porta a porta para averiguar quantas pessoas da

cidade teriam interesse em mudar o nome de East Village para Xangrilá, conseguiu angariar mais de cem assinaturas, dizendo às pessoas que o nome vinha da Bíblia e significava «lugar sem orgulho».

Hum, talvez, respondeu. Se calhar vou só escrever *PDSI*, com um *D* muito grande. Será mais misterioso, acrescentou. Com um *je-ne-sais-quoi*.

Hum... exatamente.

Mas não adoras?

Adoro, respondi. E o teu namorado Samuel Coleridge também gostaria.

Ela deu um golpe de karaté repentino no ar e olhou para longe, como se tivesse acabado de ouvir um matraquear distante de fogo inimigo.

Sim, disse ela, como a tristeza objetiva, que é uma coisa diferente.

Diferente de quê?, perguntei.

Yoli, respondeu. Da tristeza subjetiva, claro.

Ah, sim, respondi. Quer dizer, obviamente.

Ainda hoje é possível encontrar *PDSI* pintados a *spray* vermelho em East Village, embora cada vez mais esbatidos. Desvanecem-se mais depressa do que as robustas pinturas aborígenes a ocre que os inspiraram.

A Elfrieda tem um lanho novo logo acima da sobran-celha esquerda. Sete pontos seguram-lhe a testa. Os pontos são rígidos, a negro, e veem-se as pontas espetadas na cabeça, como umas pequenas antenas. Quando lhe perguntei como se ferira, respondeu que tinha caído na casa

de banho. Quem sabe se diz a verdade ou mente? Somos mulheres na casa dos quarenta. Muitas coisas aconteceram ou ficaram por acontecer. A Elf pediu uma tesoura para abrir as embalagens de comprimidos... que as enfermeiras lhe tinham dado. Grande peta. Respondi que já sabia que ela, de qualquer modo, não estava interessada em tomar os comprimidos, a não ser que fossem tantos que, todos juntos, lhe impedissem o coração de bater; portanto, para que precisava de uma tesoura para abrir a embalagem? Além do mais, podia rasgá-la com as mãos. Não quer, no entanto, correr o risco de as ferir.

A Elfrieda é pianista de concerto. Quando éramos miúdas, uma vez por outra, deixava-me virar as páginas das obras mais rápidas que não conhecia de cor. Virar as páginas é toda uma arte. Era preciso estar imediatamente à frente dela, na música, e, ao virar, deslizar como uma cobra, para evitar que as folhas se amarfanhassem, colassem ou embatessem umas nas outras. Nas palavras dela. Obrigava-me a treinar e a voltar a treinar, escutando com o ouvido a cinco centímetros da página. Ouvi!, anunciava. E obrigava-me a repetir o gesto, até lhe parecer que eu não tinha produzido o menor som. Agradava-me a ideia de estar à frente dela em alguma coisa. Orgulhava-me a sério da capacidade de assegurar uma passagem impecável entre uma página e a seguinte. Há um momento perfeito para virar a página e, se me antecipasse ou atrasasse, a Elfrieda parava de tocar, com um gemido de dor. No último compasso!, exclamava. Só no último! Deixava cair os braços e a cabeça nas teclas, mas não tirava o pé do pedal de sustentação, para que o sofrimento reverberasse sinistramente pela casa toda.

*

Duas irmãs unidas por um laço inquebrável e conduzidas, como numa dança, pela frágil alegria da vida.

As irmãs Von Riesen não poderiam ser mais diferentes. Elfrieda é aparentemente perfeita: uma mulher fascinante, pianista famosa, feliz no casamento. No entanto, deseja morrer. Yolandi é um completo desastre: uma mulher divorciada, que vive precariamente e se envolve com os homens errados. Deseja, com todas as forças, que a sua irmã se mantenha viva.

À cabeceira de Elf após mais uma tentativa de suicídio, Yoli, dilacerada pelas suas próprias desventuras, procura um caminho para que a irmã desista de morrer: «Quando era pequena, prometi à Elf que lhe guardaria o coração. Que o preservaria para sempre, dentro de um saquinho de seda, como Mary Shelley fez com o coração do marido poeta, que se afogou.»

Pequenas desgraças sem importância alcança um equilíbrio perfeito entre o que aquece o coração e o que o despedaça. Num dos seus mais intensos e geniais romances, Miriam Toews, entre a comédia da vida e a tragédia da morte, realiza o impossível: desarma-nos e faz-nos rir perante o infortúnio. Cativante e terno, este é um livro que deixa à vista a fragilidade da existência e desperta no leitor um poderoso desejo de viver.



«Um romance corajoso e, ainda que angustiante, tremendamente divertido: uma verdadeira caminhada na corda bamba.»

MARGARET ATWOOD

**PRÉMIOS: ROGER WRITER'S TRUST PARA MELHOR LIVRO
DE FICÇÃO ★ CANADIAN AUTHORS ASSOCIATION PARA MELHOR
LIVRO DE FICÇÃO ★ SINBAD PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO
ESTRANGEIRA (ITÁLIA)**

**FINALISTA: INTERNATIONAL DUBLIN LITERARY
AWARD ★ GILLER PRIZE ★ FOLIO PRIZE**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-445-1



9 789895 894451